



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA – PIBIC

**O DRAMA DA HOSPITALIDADE ATRAVÉS DA
INTERDISCIPLINARIDADE TEATRO E CINEMA
MEDEIA: UMA ESTRANGEIRA À DERIVA**

Área do conhecimento: Linguística, Letras e Artes
Subárea do conhecimento: Teatro/Cinema
Especialidade do conhecimento: Estudos
interdisciplinares entre teatro e cinema sobre a
temática da hospitalidade

Relatório Final
Período da bolsa: de (09/2022) a (05/2023)
Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica

PIBIC/COPES

Orientador: Carlos Cezar Mascarenhas de Souza

Autora: Emanoelly Silva de Jesus

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. Objetivos	4
2.1. Objetivos Gerais	4
2.2. Objetivos Específicos	4
3. Metodologia	5
4. Resultados e discussões	8
4.1. A crise da hospitalidade	9
4.2. A presença da hospitalidade na narrativa de Medeia	13
4.3. A condição feminina nas relações de hospitalidade	16
4.4. Questões de interdisciplinaridade	17
4.5. A força da linguagem cinematográfica na Medeia de Lars Von Trier 	18
5. Conclusões	20
6. Perspectivas de futuros trabalhos	21
7. Referências bibliográficas	22

1. Introdução

Se buscarmos no dicionário o conceito de “Hospitalidade”, iremos nos deparar com definições como: ato de hospedar; acolhida de hóspede; hospedagem. Já se, na tentativa de definir tal conceito, nos debruçarmos sobre as experiências humanas, em sua quase totalidade encontraremos termos e definições como acolher, dar espaço à, ceder um pedaço de lugar ao outro, intercambiar em partilha com o outro, deixar permanecer temporariamente, um co“habitar” em função de algo maior...

Desde sempre, o fenômeno da hospitalidade é universalmente posto em prática. Se perguntarmos a alguém o que se entende por hospitalidade, arriscamo-nos a bater de frente com uma grande dúvida, incerteza que partirá de quem certamente, em algum momento, se fez hospedeiro ou foi feito hóspede. A hospitalidade e o ser humano não se dissociam; o homem, ser naturalmente transitório, está sempre fadado a mover-se de um lugar - pois estamos sempre estabelecidos em um, mesmo que por uma hora, um dia, uma semana, ou uma vida inteira - para outro. É nessa movimentação que encontramos a possibilidade da hospitalidade, que se faz responsável pelo exercício da mútua interação humana. Pois, mesmo possuindo esse caráter impermanente, o homem precisa da sensação de pertencimento, da casa, mesmo que esta seja temporária.

Tanto o gesto de acolhida quanto o lugar de hóspede, que originalmente são pertencentes ao protocolo da hospitalidade, sustentam o intermédio das relações humanas. Tais podem estar em uma conversação, em gestos de tratamento, ou até mesmo em forma de contrato, e podem interferir pessoal, social, profissional, politicamente, etc, na vida de um indivíduo.

O ritual hospitaleiro é inevitável, as relações humanas são pautadas por meio dele ou por meio de rituais que foram por ele estabelecidos. No que concerne aos rituais da hospitalidade, temos uma arcada de códigos que são seguidos desde sempre ao longo de toda história da cultura humana, sejam eles genuínos ou realizados a fim de alguma coisa.

Podemos então observar que a hospitalidade não é um fenômeno linear, não é uma via de mão única, comportando uma gama de modalidades; daí, a complexidade e o desafio para aqueles que vivenciam tal acontecimento. E, inevitavelmente, a hospitalidade entra no mundo da interdisciplinaridade, pois ela é um tema que

abrange uma parte muito grande das experiências humanas, mobilizando o imaginário de onde se retira inspiração para estudos, debates, práticas, manifestações artísticas e às mais diversas áreas do saber e fazer humano.

Tomando em conta essas considerações, foi a partir dessa temática que nossa pesquisa se processou, tendo em vista o drama da hospitalidade através da relação interdisciplinar entre obras artísticas. A intenção deste trabalho consiste na observação do drama hospitaleiro através de duas grandes linguagens artísticas que sempre conversam entre si: o teatro e o cinema. Procuramos observar e entender na interdisciplinaridade entre essas duas formas de expressão artística o modo como a questão da hospitalidade poderia se fazer presente diante da narrativa sobre a personagem Medeia, compartilhada por ambas as artes.

Sendo assim, durante o percurso da nossa busca, lançamos mão de duas obras. A primeira consiste em um texto teatral, proveniente da tragédia grega: “Medeia”, de Eurípedes. A segunda, homônima, refere-se à obra pertencente à linguagem cinematográfica: “Medeia”, adaptação fílmica brilhantemente realizada pelo cineasta dinamarquês, Lars Von Trier. A partir dessas obras ímpares, foram identificados e analisados aspectos relativos ao drama da interdisciplinaridade entre as linguagens do teatro e o cinema, e, sobretudo, no que tange ao drama da hospitalidade “vivenciado” pela personagem principal das narrativas, a “estrangeira” Medeia.

2. Objetivos

2.1. Objetivos gerais

O objetivo principal deste trabalho consiste em realizar um estudo do drama de Medéia, analisando a presença e a forma com que se dá o drama da hospitalidade em sua narrativa.

2.2. Objetivos específicos

Para promover a iniciativa da pesquisa interdisciplinar entre as linguagens artísticas e o estímulo ao desenvolvimento de atividades acadêmicas presentes e futuras, a partir da realização de leitura, reflexão e escrita acadêmicas, este trabalho propõe-se a:

- Estudar o conceito “Hospitalidade”, buscando aspectos teóricos sobre o

mesmo e observando sua presença e trajetória na arte;

- Pesquisar e refletir acerca de elementos teóricos da linguagem teatral;
- Pesquisar e refletir acerca de elementos teóricos da linguagem cinematográfica;
- Pesquisar e refletir acerca da relação interdisciplinar entre as linguagens do teatro e cinema, a partir da análise de noções da linguagem comuns aos dois campos e da presença de elementos similares, como os conceitos de diegese, *mise en scène*, discurso, teatralidade, personagem, etc;
- Analisar como o tema da hospitalidade pode ser abordado numa obra e como a interdisciplinaridade das linguagens teatral e cinematográfica pode explorar essa abordagem.

3. Metodologia

No período de 19 de setembro de 2022 a 22 de maio de 2023, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca dos temas deste trabalho, com o intuito de analisar, descrever e correlacionar os aspectos teóricos apreendidos e os elementos dessas teorias nas obras que serviram de objeto do estudo.

Durante o período mencionado, foram realizadas reuniões semanais, que tornaram-se mais frequentes na etapa final do projeto. Os encontros foram feitos para estudar e discutir a bibliografia selecionada pelo professor orientador, de maneira presencial, no Departamento de Teatro, nas datas que constam no cronograma a seguir:

Data	Atividade desempenhada	Conteúdo
19/09	Leitura do projeto e discussão acerca do plano de trabalho	-
19/09	Leitura e debate	“O estudo da hospitalidade” (Luiz Octavio de Lima Camargo)

04/10	Leitura e debate	“O estudo da hospitalidade” (Luiz Octavio de Lima Camargo)
11/10	Leitura e debate	“Espelhos da hospitalidade” (Alain Montandon)
18/10	Leitura e debate	“Transpor a soleira” (Marie-Claire Grassi)
25/10	Leitura e debate	“Transpor a soleira” (Marie-Claire Grassi) “O desaparecimento dos rituais” (Byung-chu Han)
29/10	Leitura e debate	“O desaparecimento dos rituais” (Byung-chu Han)
06/12	Leitura e debate	“Sobre tolerar e acolher” (André Brayner de Farias)
07/12	Leitura e debate	“Escutar” (Byung-Chu Han)
12/12	Leitura e debate	“Desafio e Felicidade da Tradução” (Paul Ricoeur)
13/12	Leitura e debate	“Hospitalidade para uma poética ambiental” (André Brayner de Farias)
24/01	Leitura e debate	“Você disse ‘Encenação’?” (Jacques Aumont)
31/01	Leitura e debate	“Você disse ‘Encenação’?” (Jacques Aumont)
14/02	Leitura e debate	“Introdução à análise do teatro - Tentativa de descrição” (Jean-Pierre Ryngaert)
16/02	Leitura e debate	“Eurípedes e a Medeia” (Adriane da Silva Duarte)

16/02	Discussão sobre o relatório parcial e a segunda etapa do projeto	
28/02	Leitura e debate	“As medeias latinas” (Márcio Meirelles Gouvêa Júnior)
10/03	Leitura e debate	“Um termo importado das artes cênicas” (Luiz Carlos Oliveira Jr) “Lapidando o conceito” (Luiz Carlos Oliveira Jr)
14/03	Leitura e debate	“A pesquisa interdisciplinar” (Umberto Eco) “Entre o teatro e cinema: Experiência performativa - Capítulo I” (Gabriela Pereira Fregoneis)
23/03	Leitura e debate	“A personagem de teatro: O que é?” (Renata Pallottini)
31/03	Leitura e debate	“Sobre a retórica cinematográfica” (João Batista de Brito)
04/04	Leitura e debate	“Sobre a retórica cinematográfica” (João Batista de Brito)
11/04	Leitura e debate	“Cinema e narração” (Marc Vernet)
18/04	Leitura e debate	“Tentativa de descrição - Introdução à análise do teatro” (Jean Pierre Ryngaert)
25/04	Reunião para assistir “Medeia”	“Medeia” (Lars von Trier)

28/04	Leitura e debate	“Amódio e melancolia na Medeia de Lars Von Trier” (Carlos Cezar Mascarenhas de Souza)
02/05	Leitura e debate	“Amódio e melancolia na Medeia de Lars Von Trier” (Carlos Cezar Mascarenhas de Souza)
08/05	Leitura e debate	“Cinema e narração” (Marc Vernet) “A arte do teatro” (Anatol Rosenfeld)
12/05	Reunião para assistir “Medea”	“Medea” (Pier Paolo Pasolini)

Além da execução destas leituras conjuntas e dos debates realizados durante as reuniões, foram executadas leituras individuais (tanto de textos da bibliografia em questão quanto de textos envolvidos com a temática e selecionados por conta própria pela discente) e a produção de resumos acerca dos temas estudados. A peça “Medeia”, de Eurípedes, foi lida e analisada individualmente algumas vezes durante o projeto. Foram realizadas também outras atividades, como a leitura e debate da peça no dia 28 de fevereiro, durante a aula da disciplina de Texto Teatral ministrada pelo Professor Carlos Cezar Mascarenhas de Souza, do Departamento de Teatro. No âmbito da análise fílmica, foram assistidos e debatidos duas adaptações: “Medeia”, de Lars Von Trier, e “Medea”, de Pier Paolo Pasolini.

Essa, basicamente, foi a forma de execução desta pesquisa; a leitura, reflexão e produção acerca dos temas da hospitalidade através das linguagens artísticas teatro e cinema, com enfoque na narrativa de Medeia, tanto na análise de um texto teatral, como na leitura da adaptação fílmica.

4. Resultados e discussões

Consistem em frutos deste trabalho a apreensão de temas antes não dominados e a reflexão e produção acerca da presença desses temas e das formas em que eles se dão nas linguagens artísticas, em especial, teatral e cinematográfica. Além

desse aspecto, o trabalho de pesquisa foi bastante enriquecedor e esclarecedor em relação às inclinações discentes para atividades do âmbito acadêmico.

Façamos agora, portanto, uma reflexão acerca de aspectos que se mostraram demasiado pertinentes durante a pesquisa em questão.

4.1. A crise da hospitalidade

Como mencionado anteriormente, falar de hospitalidade significa, inevitavelmente, falar de relações humanas. Durante os séculos, o elo que liga o homem aos seus semelhantes se enfraqueceu e, nos tempos atuais, a solidez das relações humanas tem sido cada vez mais ameaçada.

Vivemos em uma sociedade onde a individualidade, o ego e o comportamento narcísico são características muito mais sólidas que a disposição em compartilhar, que os rituais de acolhimento e o respeito para com a alteridade; o que tornou-se uma espécie de sintoma que pode ser observado a partir de vários aspectos nas relações humanas. Nossa função aqui é observar de que forma essa crise é apresentada no que compete ao ritual hospitaleiro.

É certo que a hospitalidade não é uma experiência pura. E é certo, também, que ao se arriscar em tal experiência, o hóspede pode se deparar com a hostilidade ou, ainda, com a anti hospitalidade do hospedeiro. Quando falamos do espaço a ser compartilhado durante esse ritual, não estamos falando apenas de um espaço geográfico; mas, também, do espaço psíquico do indivíduo, que é o lugar no qual se processam todos os elementos imaginários e simbólicos que permeiam essa relação com o outro que, por vezes, pode sentir e interpretar tal situação como uma intrusão. Esse fenômeno pode ser intenso para o ser humano, já que o espaço psíquico remete a tudo o que se comporta relativo às suas próprias referências.

Ao adentrar esse espaço, o indivíduo a ser acolhido na relação hospitaleira está acessando o mundo interior do que oferece acolhimento. E, como já foi dito mais acima, isso pode causar desconfortos e se tornar uma ameaça. Eis o desafio diante daquilo que representa a alteridade. Na relação em questão, o respeito à alteridade é condição *sine qua non*; sem esta, não há como interagir com o outro de maneira a não cair numa posição anti hospitaleira. O respeito à figura da

exterioridade, que é simultaneamente emblemática e ameaçadora, é a chave para a entrada nessa cena de maneira satisfatória; pois a hospitalidade consiste num “ritual de franqueamento de um espaço geográfico, psíquico, espiritual” (GRASSI, 2011, p. 52). A alteridade pode representar o perigo relativo ao questionamento de si mesmo e, por isso mesmo, talvez venha a ser uma grande ameaça ao homem da modernidade atual.

Marie-Claire Grassi afirma, em sua contribuição para o estudo da hospitalidade, que “o gesto da hospitalidade não é confortável nem espontâneo” (GRASSI, 2011, p.45); o desafio da hospitalidade consiste no fato de que esta é, nada mais nada menos, que “a ultrapassagem, a abolição dos espaços, a penetração dos territórios, a admissão” (GRASSI, 2011, p.45). Como vem acontecendo ultimamente, por exemplo, o fenômeno das bolhas virtuais gerado pelas redes sociais; isso faz com que, para o homem moderno, o relacionamento com a alteridade venha se tornando um tanto quanto mais delicada, na medida em que admitir as diferenças que advém do campo do outro exige um certo despojamento das auto referências. Enfim, a cena da hospitalidade é permeada por um ritual que convoca um jogo de máscaras no qual nunca se sabe quem, de fato, é o outro e quais são suas reais intenções.

A sociedade moderna por vezes é marcada pelo signo da exclusão. Por conta desse fator, o ritual hospitaleiro tem sido distorcido, negligenciado e evitado. Parece não haver desejo de se dirigir a nada que soe diferente. Por isso, a questão da alteridade torna-se uma constante ameaça. Acolher, portanto, não apenas tolerar. Escutar, não somente ouvir. E abrigar, para além de receber. O caráter ativo da escuta não tem sido um elemento presente nos relacionamentos, e a escuta é um espaço de disposição à hospitalidade. Nos rituais de hospitalidade é imprescindível esse momento. Todavia, “hoje, perdemos cada vez mais a capacidade de escuta. Sobretudo o foco crescente no Ego, a narcisificação da sociedade, o dificulta” (HAN, 2022, p. 123).

Parece não haver interesse em conhecer o outro em sua alteridade, porque o comportamento do homem de hoje não se inclina ao outro, ele se limita em si. Não existe mais o momento de recuar-se e dar o espaço que o outro precisa, não encontramos o silêncio hospitaleiro que sustenta essa retirada, realizada para o outro. Daí a reflexão de que “a hospitalidade se afigura enquanto viés simbólico de

uma instância terceira, cuja função é a de não se deixar ficar refém de qualquer espelho identitário em particular das partes envolvidas numa dada situação” (SOUZA, 2021, p. 75).

Os gestos de hospitalidade não se dão apenas de maneira ativa, haverá vezes em que o maior gesto que um hospedeiro poderá exercer em uma relação é o de deixar o outro atuar, como em uma conversa onde o hospedeiro escuta o hóspede, ouvindo-o sobre suas motivações, seus objetivos e seus desejos, que o conduziram até ali. Ele para e escuta, vez ou outra move a cabeça, ou contribui com uma expressão ou gesto silencioso, com pequenos sons de respiração, identificados por Byung Chul Han como “sinais de hospitalidade” (HAN, 2022, p.126). Lamentavelmente, esse comportamento é cada vez menos frequente e esses sinais têm se perdido. Nas relações maquínicas do mundo atual, perde-se o contato humano propriamente dito; este é evitado, apertos de mãos e abraços são trocados por interações automáticas, encontros tornam-se cada vez mais virtuais, pessoas são substituídas como coisas que vão se descartando no imediatismo dos interesses meramente utilitários.

O homem que não quer lidar mais com o outro não escuta, isolado em si, ele tem medo de ferir-se. Daí o suposto conforto em manter-se distante do outro - ou ao menos é nisso que ele acredita, pois, o risco de sofrer as frustrações inerentes à verdadeira relação humana também está na vulnerabilidade que quem a exerce assume. Relacionar-se pode ser a causa de lesões e isso pode ser o motivo de tanta hesitação. "Quem, porém, quer se esquivar de toda ferida, não experimenta nada [...] A ferida é a abertura por meio da qual o outro entra. Ela também é o ouvido que se mantém aberto para o outro. Quem está inteiramente consigo em casa, quem se fecha em casa, não consegue escutar” (HAN, 2022, p. 128).

O mundo contemporâneo está repleto de condições que desafiam o ritual da hospitalidade e isso afeta a qualidade da vida coletiva. Estamos vivenciando uma realidade pautada na contingência, na efemeridade; todas as situações são passageiras, todas as relações possuem um prazo de validade, assim como os supostos desejos humanos impregnados de ideologias. Daí, a reflexão de Carlos Cézár Mascarenhas acerca da presença da hospitalidade na história do homem:

Assim, ao longo da história humana, o fenômeno da hospitalidade foi instituído como modalidade fundamental de interação e compartilhamento,

comumente referida à circunstância dos encontros entre povos de diferentes culturas, assumindo formas e rituais diversificados, nos quais intercâmbios e trocas entre os agentes envolvidos tornam-se uma espécie de regra. (SOUZA, 2021, p. 345)

A falta de atenção para com esses acontecimentos parece até parte de uma grande situação de involução presenciada pelo homem moderno. Não à toa que, um dos sinais a indicar certa crise da hospitalidade pode ser justificada pelo desaparecimento dos rituais. Byung Chul Han observa, em suas reflexões sobre a expiração desses rituais, que a sociedade vigente possui uma certa aversão ao ritual. Estamos passando por um momento de desritualização e dessimbolização, os gestos ritualísticos não conseguem se perdurar no tempo de hoje, um tempo que vem se tornando inabitável, sem a demora necessária à experiência da contemplação e que se esvai rapidamente. Esse é, portanto, um problema palpável, pois os rituais exercem um significativo papel na estabilização da vida, na marcação da temporalidade relativa à assimilação dos valores e sentidos compartilhados numa cultura em uma dada comunidade.

Uma das ameaças que os rituais sofrem se dá por conta do efeito da repetição, caráter essencial do ritual, que tornou-se distorcido sob a lógica da repetição maquínica dos condicionamentos do mundo digital, criando a ilusão de haver uma permanente renovação oferecidas pelo mercado das novidades, com todo um ambiente movido pelo glamour dos fetiches que, por mais que se idealize em promessas consignadas em seus produtos, tudo dura muito pouco na espessura dos nossos dias. “À caça por novos estímulos, excitações e vivências, perdemos hoje a capacidade de repetição” (HAN, 2021, p. 22).

A durabilidade não é bem recebida, filmes com mais de noventa minutos são “chatos”, livros com qualquer quantidade de páginas são “massantes”, digitar é melhor que copiar e escrever vem se tornando uma opção bastante árdua; é preciso ser rápido num regime regido pelo desempenho da celeridade, e não é mais interessante que nada dure. “No vazio simbólico, todas as imagens e metáforas que provocam sentido e comunidade e que estabilizam a vida têm se perdido. A experiência de duração tem diminuído. E a contingência aumenta radicalmente” (HAN, 2021, p.10).

Aonde irá parar uma sociedade que apegou-se a todos esses comportamentos e

rompeu com os cuidados que outrora moviam todas as atitudes responsáveis pela sustentação do relacionamento humano? O homem precisa de relações densas, que o faça, ao enxergar o outro, enxergar a si mesmo, ele precisa que sejam mantidos os rituais, pois eles sustentam o sentido dos laços humanos em suas interações, e permitem que a herança delas se perpetue. Graças aos rituais, os valores de nossos antepassados continuam vivos, é nessas ações que podemos dar vida a esses valores e sentidos que precisamos reconhecer em nós mesmos. Mas essa não é a realidade a qual estamos habituados, pois “formam-se cada vez mais raramente sentimentos de comunidade. Para isso, dominam afetos e emoções efêmeros como estados de um indivíduo isolado para si” (HAN, 2021, p. 25).

O homem moderno exerce, dessa forma, uma relação tensa consigo mesmo, pesada e perturbadora, dificultando a expansão dos seus movimentos, em direção ao mundo.

Talvez, umas das formas de superar certos problemas que levam a uma crise da hospitalidade consista em ressaltar o valor dos gestos ritualísticos voltados à valorização da interação humana.

4.2. A presença da Hospitalidade na narrativa de Medeia

Uma das obras mais conhecidas do teatro grego serve perfeitamente como suporte através do qual possamos ilustrar a questão do drama da hospitalidade, que é o objeto do meu plano de trabalho na presente pesquisa. Trata-se de "Medeia", peça escrita pelo dramaturgo Eurípedes representada pela primeira vez em 431 a.C, na cidade de Atenas.

A peça conta a história de uma mulher que deu tudo de si e tudo o que possuía em troca de um amor que lhe seria, posteriormente, negado. Apaixonada por Jasão, Medeia ajudou-o a cumprir uma missão pessoal: roubar o velocino de ouro e levar até o seu tio, em busca de possuir o reino que um dia pertenceu ao seu pai. Durante todo o percurso, Medeia dá o suporte necessário a Jasão, sendo capaz de matar o próprio irmão para que seu amado seja bem sucedido. Diante de tudo isso, Jasão só precisaria oferecer uma coisa a Medeia: seu amor. Mas não é o que acontece quando, após a chegada e estabelecimento em Corinto, Jasão se envolve romanticamente com Glauceia, filha do Rei Creonte. Inebriada pela dor de

ter o seu amor recusado, Medeia inicia uma jornada em busca da única coisa que ela pode querer no momento: vingar-se de Jasão e fazê-lo possuir um fim tão trágico quanto o seu.

A história de Medeia é de um fascínio indiscutível, não é atoa que é contada até os dias de hoje. Através dela diversos aspectos do comportamento humano podem ser observados, dentre eles a relação hospitaleira, que é construída a partir de uma narrativa que expõe os gestos ritualísticos, suas consequências e a forma em que é dada essa relação. Nos limitamos (se assim podemos dizer) aqui, a investigar a hospitalidade na narrativa de Medeia.

O ritual hospitaleiro marca intensamente essa história. Medeia é estrangeira duas vezes, e nas duas ocasiões a hospitalidade lhe é negada. Ao sair da casa de seu pai e acompanhar Jasão, ela se encontra desterrada, em Corinto seu status é de mulher bárbara, em seguida, torna-se estrangeira em sua própria família, após o fracasso no amor com Jasão. Ao decorrer da história narrada na peça euripídiana, vários sinais da negação da hospitalidade são trazidos à tona. Essa situação se intensificará ao passar dos atos, pois Medeia comete, durante seu percurso, diversas injúrias.

A mesma hospitalidade negada a Medeia é requerida por ela em diversos momentos. Ela a deseja e tenta conquistar, e isso é ilustrado em mais de uma passagem da obra. No segundo episódio, por exemplo, é pontuado que ela ajudou Jasão “em muitas de suas conquistas, à custa mesmo de laços familiares e de hospitalidade” (EURÍPIDES, 2021, p. 47 - 48).

Se em algum momento Medeia consegue ser incluída no ritual hospitaleiro, não é, nem de longe, de forma genuína. Ela precisa, a todo momento, sacrificar-se em troca de acolhimento, um acolhimento que está mais para o lado da tolerância e que acompanha momentos difíceis, como quando Jasão, dirigindo-se a ela, diz: “Até poderias continuar vivendo aqui por toda a vida, neste país e nesta casa, se aceitasses submissa as decisões dos mais fortes que tu” (EURÍPIDES, 2021, p. 48).

É notório o caráter esmagador do estigma da mulher bárbara que acompanha Medeia durante seus dias, na medida em que é usado para condenar, ameaçar e reprimir. Ainda que em alguns momentos, reconheçam a triste situação de Medeia,

esta não causa piedade no ambiente que a cerca, pelo contrário, torna-se uma munição contra a mesma.

Mesmo que algumas falas reconheçam Medeia como digna de piedade, como quando Jasão profere: “não desejo ver-te banida sem recursos com teus filhos nem que te falte algo. Bastam as agruras da triste condição de desterrada” (EURÍPIDES, 2021, p. 49), a maior parte das interações exibe o efeito contrário. O próprio “Jasão enfatiza sua condição de bárbara e sua selvageria, para justificar tamanha monstruosidade” (EURÍPIDES, 2021, p. 99). Ela não é, em momento algum, genuinamente acolhida e, após ser abandonada por Jasão, a sua presença é sequer tolerada.

A obra de Eurípedes nos permite refletir acerca da complexidade humana, por meio de um aprofundamento nas nuances da vida psicológica do homem, característica, aliás, essencial dos personagens euripidianos. A partir de Medeia, podemos observar e refletir acerca das motivações no que diz respeito ao que está em jogo relativo ao drama da hospitalidade. Se não fosse pelo “fracasso” do ritual hospitaleiro, Medeia teria cometido todos aqueles atos considerados atrozés? Se ela tivesse sido bem recebida e acolhida, em sua casa e em Corinto, ela teria motivos para odiar Jasão e desejar seu mal?

Provavelmente, os conflitos relacionados à hospitalidade também contribuíram para que Medeia se transformasse em uma mulher com sede de vingança e disposta a arriscar e enfrentar todas as consequências dos seus atos desde que realizasse o seu desejo de fazer Jasão sofrer. Não seria exagero afirmar que o fracasso no laço do ritual hospitaleiro protagoniza um dos momentos mais importantes para o desenlace dessa história. Após o abandono do amado e ser ameaçada de banimento pelo rei Creonte, nossa protagonista é levada à ruína, cuja dor tenta se remediar através da vingança, depois de se certificar que será acolhida posteriormente por Egeu, que lhe promete abrigo, e esse é o primeiro de muitos passos que constituem sua trama.

O papel de mulher bárbara exercido por Medeia se configura, devido aos costumes e às questões históricas da época, numa ameaça. A exclusão causada pela negação da hospitalidade se justifica a partir dessa ameaça, pois toda exclusão pressupõe um tipo de temor, e aqui entram várias possibilidades no que tange às

motivações dessa apreensão, em relação ao outro. No caso de Medeia, além de ser mal vista por não pertencer àquela comunidade, há o fato dela ser uma feiticeira e, além disso, tratar-se de uma mulher que possui um grande poder de persuasão, com enorme habilidade no trato com a palavra.

Medeia não é uma mulher inofensiva, ela é bem articulada, ardilosa, manipuladora e tem um domínio da palavra, capaz de impressionar e convencer qualquer um. Cada passo de Medeia, na condução dos seus planos funestos, é bem sucedido. Sua trajetória é marcada pelo convencimento de todos que estão ao seu redor. Essa característica contribui para que os outros personagens a temam e se demonstrem hostis em relação a ela. O próprio Rei Creonte demonstra temê-la mais de uma vez e decide, por esse motivo, condená-la a um novo exílio.

Percebe-se que a questão da hospitalidade permeia todo o drama trágico que envolve as personagens desse texto teatral, expondo, por vezes, suas intimidades mais sombrias.

Duplamente marginalizada, enquanto estrangeira e enquanto mulher, Medeia é a personificação da típica exilada. Nessa obra-prima de Eurípedes o caráter dramático da hospitalidade a atravessa de um lado a outro. Medeia é, sem dúvida um pivô central no drama da hospitalidade por se tratar de alguém em busca de acolhimento, a desgarrada, a desterrada, ela personifica a “mulher que, expatriada, perambulava sem pouso, destino ou refúgio. Aliás, sua característica de errância foi preservada na tradição da narrativa, ainda que alternada nas sucessivas reconstruções (JUNIOR, 2014, P.10). Medeia é o modelo da mulher que está à margem. Sempre uma estrangeira. Sempre à deriva.

4.3. A condição feminina nas relações de hospitalidade

Dotado de uma complexidade indiscutível, o drama trágico de Eurípedes aborda diversas temáticas pertinentes para a reflexão acerca de questões que permeiam a sociedade, dentre essas temáticas situa-se a condição feminina. Sua obra desdobra “em toda a sua variedade, a totalidade da existência humana, desde as trivialidades do dia-a-dia até o cume da vida social, na arte e no pensamento” (JAEGER, 2010, p.387), tratando de temas como a maternidade e a submissão feminina, Medeia é uma leitura atemporal do estatuto da mulher em uma sociedade patriarcal. Sua condição e sua desgraça não se dão apenas pelo seu

estrangeirismo, mas também pelo seu gênero.

As questões de gênero são, de certa maneira, mais uma possibilidade de reflexão baseada na relação hospitaleira, já que, recorrentemente, os gestos ritualísticos provenientes da antihospitalidade acompanham a trajetória feminina. Medeia abandona tudo e transforma sua jornada no mundo em um caminho a ser percorrido em função de Jasão, esse acontecimento marca um momento em que ela deixa para trás vários dos elementos presentes no cenário da hospitalidade. Ela deixa o lar, partindo em direção a um lugar onde será vista como alguém que está à margem.

A heroína de Eurípides domina a ciência de que enquanto mulher, mãe e feiticeira, ela jamais possuirá respeito, essa situação é agravada quando ela admite o status de exilada. Dessa forma, durante toda a narrativa, as questões hospitaleiras e as dificuldades enfrentadas por Medeia referentes à condição feminina mantêm uma ligação.

A narrativa de Medeia levanta questões sociais importantíssimas no que se refere à mulher, que podem ser relacionadas com o drama da hospitalidade, não só porque a antihospitalidade enfrentada por Medeia é também reflexo da posição que seu gênero ocupa na narrativa, mas também porque muito do que exerce qualquer relação com as interações humanas, dialoga também com as relações de hospitalidade.

4.4. Questões da interdisciplinaridade

Por muito tempo, se estabeleceu culturalmente uma rivalidade entre os campos das artes, devido ao receio que existia de que, ao ser transportada de uma linguagem para outra, determinada obra pudesse perder seu valor e ter sua fidelidade ameaçada. A discussão sobre essas ameaças criou um drama entre as linguagens, que não condiz com o real significado das relações entre elas.

Com a evolução das iniciativas, o diálogo entre essas duas linguagens hoje supera o preconceito com os caminhos interdisciplinares. O amadurecimento das ideias relacionadas a essas questões fez com que, aos poucos, se percebesse como o diálogo, as trocas e as aproximações que as linguagens exercem no campo das manifestações artísticas são capazes de potencializar o alcance da arte e das

reflexões provocadas por ela. Estudar a poética da hospitalidade é de suma importância para o entendimento de que essas relações permitem que as obras colaborem umas com as outras, já que a ameaça aos seus valores é inexistente. Ao contrário dessas crenças, o intercâmbio entre as linguagens tem muito a contribuir e a aprimorar, isso faz com que a discussão exercida por essa realidade que não acolhe a interdisciplinaridade não seja plausível.

4.5. A força da linguagem cinematográfica na Medeia de Lars Von Trier

Sob a direção do premiado cineasta dinamarquês Lars Von Trier, "Medeia" é uma adaptação fílmica da obra de Eurípedes que traz uma nova maneira de contar a história da estrangeira. Essa versão do drama conta com a tecnologia da linguagem cinematográfica para atribuir um novo olhar à obra.

Como bem afirma Carlos César Mascarenhas, “singularmente, na versão cinematográfica de Lars Von Trier, reafirma-se a intensidade da dimensão inquietante com que essa personagem, desde Eurípedes, vem se traduzindo, sob a imagem insana na qual o amor se vê subjugado aos imperativos desmedidos da paixão” (SOUZA, 2016, p. 269). Medeia é apresentada como uma mulher errática e solitária, ela não tem com quem contar, o que agrava o seu desespero. Muito de sua tragédia se dá devido à sua condição de estrangeira, a adaptação conserva esse aspecto, trazendo um novo olhar sob as dores da heroína, possível graças às técnicas cinematográficas que combinam durante o filme as expressões captadas nos atores e formas metafóricas de representar os desprazeres sofridos pelos personagens euripidianos.

A visão de Lars Von Trier nos coloca frente à uma representação agonizante dos infortúnios de Medeia, a partir de imagens inquietantes e perturbadoras, a história é narrada com a presença de elementos que simbolizam a ferocidade da paixão, a dor do abandono e a melancolia. Imagens de paisagens sempre aparecem na tela nos provocando sensações que condizem com os sentimentos carregados pelos personagens, a tensão, a dor, a raiva - todas as hostilidades - vivenciadas por eles são metaforicamente representadas por imagens de elementos como fogo, neblina, chuva e ventania.

Para o primeiro momento da adaptação fílmica, o diretor seleciona a cena em que Egeu promete acolhida a Medeia, retrocedendo em seguida ao momento em que

Medeia se encontra desolada, abandonada por Jasão, no início de suas intenções de vingança. As primeiras imagens do filme rodopiam, a câmera se move bruscamente e imagens de Medeia atormentada são alternadas com imagens da água do mar que se move violentamente, mostrando que a solidão de Medeia é uma solidão de dimensão oceânica.

O movimento da câmera e a forma dramática que ela capta as imagens contribui para exprimir o que Medeia sente. A atriz da obra de Lars Von Trier emana uma expressividade ímpar e um olhar denso que, graças à teatralidade presente na performance do ator de cinema, demonstra toda a miséria que a heroína carrega na alma. A voz e a performance dramática de Medeia deixam claro que não existe sentimento pior que o amor.

A sonoridade sempre acompanha a tensão da narrativa e o cenário é constrangido em função do drama, em uma das cenas, Medeia aparece perturbada e ao mesmo tempo, a luz solar se dissipa, com a chegada de um vento forte. Imagens como essa complementam as falas do texto teatral e o atualizam. Dessa maneira, a economia do texto adotada por Lars Von Trier não prejudica a representação.

A versão de Lars Von Trier é fiel em alguns aspectos, o momento em que Medeia reclama a condição feminina e se mostra desolada diante do ocorrido com Jasão exemplifica isso. Mas, em alguns momentos, o cineasta optou por apresentar o drama de uma outra maneira. Enquanto na obra de Eurípedes a filha de Creonte sequer possui falas, a Glauce de Lars Von Trier aparece no início da adaptação fílmica de maneira bastante ativa, ela exige o amor de Jasão e até impõe condições a ele antes de permitir que o mesmo a tome para si. Além desse, outros momentos marcam as divergências da obra, como o desfecho dos filhos de Medeia. Sua mãe resolve enforcá-los em uma forca construída com o auxílio do menino mais velho, que se dá conta do seu destino antes mesmo dele ser selado.

A parte final do filme conta com algumas cenas que justificam, por si só, a presença da teatralidade no cinema. A cena em que Jasão cavalga desesperadamente é contada com o auxílio da câmera, que se movimenta visceralmente. A alternância das imagens de Jasão com as imagens do local em que ele está sendo totalmente arrebatado pela ventania, expressam o desespero do personagem. Por fim, Medeia aparece em um barco, seus olhos continuam

contando sua história, e uma ação totalmente significativa está para acontecer: pela primeira vez, Medeia solta os seus cabelos, e é como se, pela primeira vez, ela não estivesse mais reprimida, engasgada. Seu plano está consolidado.

Conclusões

A hospitalidade sempre esteve presente nas relações humanas, embora tenha sofrido transformações em sua forma de ser exercitada ao longo da passagem do tempo. Por consequência, ela compõe uma grande parte das histórias contadas mundo afora, essas narrativas consolidaram a relação hospitaleira no imaginário social.

Diante das amplas possibilidades que o intercâmbio entre as linguagens artísticas possuem, as temáticas trabalhadas por elas obtiveram diversas maneiras de serem apresentadas. Não foi diferente no caso da hospitalidade, que por si só já apresenta complexidade e amplitude na maneira de ser retratada, e encontrou nos caminhos da interdisciplinaridade mais de uma maneira de ilustrar a importância dos rituais de interação simbólica entre as linguagens.

A partir da tentativa de estudar a hospitalidade e observar a maneira como ela é retratada pelas linguagens poéticas do texto teatral e do cinema, a análise do drama de Medéia foi uma atividade bastante proveitosa. O projeto garantiu uma grande aprendizagem no tocante aos aspectos e particularidades das linguagens teatral e cinematográfica e, para além disso, promoveu diversas reflexões acerca de suas mútuas influências.

As socializações realizadas nas reuniões possibilitou a construção de uma base teórica não só no que se refere os conhecimentos específicos trabalhados no projeto, mas também em relação aos conhecimentos necessários para desempenhar atividades do âmbito acadêmico, além de recuperar os interesses nesse espaço e provocar expectativas no que se refere aos próximos passos na vida acadêmica.

O projeto contribuiu para complementar a minha formação acadêmica, uma vez que o currículo básico da universidade nem sempre oferece tudo o que o aluno precisa para conseguir se desenvolver enquanto estudante. Foi de exímia importância todas as reflexões, discussões e atividades do projeto, além do

estímulo à prática acadêmica no âmbito da pesquisa, bem como o despertar do meu interesse acerca das linguagens teatral e cinematográfica, que, com efeito, certamente continuará a suscitar uma inclinação por novos projetos na universidade.

Perspectivas de futuros trabalhos

O plano de trabalho em questão foi finalizado mais cedo do que o esperado, devido à necessidade de concluir todos os vínculos com a universidade a tempo de colar grau no período previsto para os ingressantes em 2019.1.

Todavia, apesar de concluir as atividades de obrigatoriedade, é de meu interesse dar continuidade ao projeto, como previu o plano, até o mês de agosto, realizando atividades de pesquisa, leitura e debates na mesma área já trabalhada até agora, mantendo as reuniões com o orientador. Além disso, tenho como objetivo trabalhar na produção de um artigo científico acerca da temática da hospitalidade para uma provável publicação.

Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **Você disse encenação?** In: O cinema e a encenação. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

BRITO, João Batista de. **Imagens Amadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O estudo da hospitalidade**. In: MONTANDON, Alan. O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac Sp, 2011. p. 13 - 28.

EURÍPIDES. **Medeia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ECO, Umberto. **A definição da arte**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

FARIAS, André Brayner de. **Hospitalidade para uma poética ambiental: os direitos humanos e a casa comum**. In: Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 59 - 70.

FARIAS, André Brayner de. **Sobre tolerar e acolher**. In: Poéticas da hospitalidade: ensaios para uma filosofia do acolhimento. Porto Alegre: Zouk, 2018. p. 127 - 134.

FREGONEIS, Gabriela Pereira. **Introdução**. In: Entre o teatro e o cinema: Experiência performativa. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas: 2015. p. 21 - 26.

FREGONEIS, Gabriela Pereira. **Teatro e cinema**. In: Entre o teatro e o cinema: Experiência performativa. 1. ed. Curitiba: Editora Prismas: 2015. p. 29 - 46.

GRASSI, Maire-Claire. **Transpor a soleira**. In: MONTANDON, Alan. O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac Sp, 2011. p. 45 - 53.

HAN, Byung-Chul. **Coação de produção**. In: O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Escutar**. In: A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

JÚNIOR, Márcio Meirelles Gouvêa. **As medeias latinas**. In: Medeias latinas: Medea Romae. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p. 9 - 16.

MONTANDON, Alan. **Espelhos da hospitalidade.** In: MONTANDON, Alan. O livro da hospitalidade: Acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. São Paulo: Senac Sp, 2011. p. 31 - 36.

OLIVEIRA JR., Luiz Carlos. **Um termo importado das artes cênicas.** In: A mise en scène no cinema: Do clássico ao cinema de fluxo. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 17 - 23.

OLIVEIRA JR., Luiz Carlos. **Lapidando o conceito.** In: A mise en scène no cinema: Do clássico ao cinema de fluxo. Campinas, SP: Papirus, 2013. p. 25 - 29.

PALLOTTINI, Renata. **A personagem de teatro: o que é?** In: Dramaturgia: A construção do personagem. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

RICOEUR, Paul. **Desafio e felicidade da tradução.** In: Sobre a tradução. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 21 - 31.

ROSENFELD, Anatol. **A tragédia antiga.** In: A arte do teatro. São Paulo: PubliFolha, 2009. p. 44 - 60.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Enunciado e enunciação.** In: Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins fontes, 1995. p. 101 - 123.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução.** In: Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins fontes, 1995. p. 3 - 4.

RYNGAERT, Jean-Pierre. **Tentativa de descrição.** In: Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins fontes, 1995. p. 35 - 51.

SOUZA, Carlos César Mascarenhas. **“Amódio” e melancolia na Medeia de Lars Von Trier.** In: COSTA, Rachel; FREITAS, Verlaine; Pazetto; Débora. O trágico, o sublime e a melancolia. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2016. p. 269 - 282.

SOUZA, Carlos César Mascarenhas. **Anti-hospitalidade.** In: OLIVEIRA, Luiz Eduardo; FRANCO, José Eduardo (org.). Dicionário dos antis: A cultura brasileira em negativo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 344 - 360.

SOUZA, Carlos César Mascarenhas. **Hospitalidade Poética da Ópera Crua Numa Encruzilhada Ético-Estética.** In: Nogueira, Adriana Dantas (org.). Cinema

e interdisciplinaridade: convergências, gêneros e discursos - volume 5. Aracaju, SE. Criação Editora, 2021. p. 53 - 76.

VERNET, Marc. **Cinema e narração**. In: AUMONT, Jacques. A estética do filme. 9. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 89 - 117.